

VLADIMIR
MAIAKÓVSKI

MISTÉRIO-BUFO

um retrato heróico,
épico e satírico da nossa época
(1918)

tradução de Dmitri Beliaev

MUSA
EDITORA

ВЛАДИМИР
МАЯКОВСКИЙ

МИСТЕРИЯ-БУФФ

ГЕРОИЧЕСКОЕ, ЭПИЧЕСКОЕ И САТИРИЧЕСКОЕ
ИЗОБРАЖЕНИЕ НАШЕЙ ЭПОХИ

Mistério, *Incógnita Divina Comédia de Maiaakóvski*
Mistério-Bufo (1918)
Inferno, Paraíso, Terra Prometida

Mistério-Bufo é o caminho. Caminho da revolução. Ninguém protegerá com exatidão quais montanhas a mais teremos de explodir, nós que estamos indo por este caminho. Hoje arrebenta os tímpanos a palavra Lloyd-George, mas amanhã seu nome será esquecido pelos próprios ingleses. Hoje aspira à comuna a vontade dos milhões, mas dentro de uma meia centena de anos, pode ser que em um ataque contra planetas longínquos se atirem encouraçados aéreos da comuna.

É por isso que, tendo mantido o caminho (a forma), eu novamente mudei partes da paisagem (o conteúdo).

No futuro, todos que encenarem, desempenharem os papéis, lerem e imprimirem o Mistério-Bufo, mudem o conteúdo, — façam seu conteúdo ficar contemporâneo, moderno, do momento.

(Prefácio da segunda versão, de 1921, pelo próprio Maiaakóvski)

Maiaakóvski escreveu a peça em versos (poema dramático) *Mistério-Bufo* para o primeiro aniversário da Revolução Bolchevique de Outubro. Ele a idealizou ainda antes da Revolução Bolchevique, em agosto de 1917, porém depois da revolução de fevereiro de 1917 que tinha abolido o absolutismo na Rússia. O trabalho tomou intensidade já depois da Revolução de Outubro, no verão de 1918. Durante este período ele esteve escrevendo na *datcha* (casa de campo), no município de Levshov, da região do Petrogrado. No dia 27 de setembro de 1918 pela primeira vez leu a peça aos amigos. Entre os ouvintes esteve presente o Comissário do Povo para a Instrução (ministro da Educação) A.V. Lunatcharski. Logo em seguida, no começo de outubro, o ministro distinguiu a peça em um discurso publico: "O poeta Maiaakóvski escreveu uma obra poética, a que intitulou *Mistério Bufo*... O

Em 1919, em Petrogrado, o *Mistério-Bufo* era incluído no repertório de encenações ambulantes para apresentações em teatros regionais. Entretanto, nenhuma encenação foi realizada. Existem ainda os figurinos dos trajes e decorações feitas pelo próprio Maiakóvski para essas ocasiões, reproduzidos na capa desta edição

Viagem à Terra Prometida Inferno, Paraíso, Terra Prometida

Maiakóvski só pode ser traduzido por um poeta, afirmou Boris Schnaiderman. *Mistério-Bufo* no Brasil não só foi traduzida por um poeta, como também editada por poeta, quiçá seja peça encenada por poeta. Não importa se poetas desconhecidos, mas que a Poesia seja glorificada. O importante é mostrar sensibilidade, comungando com os versos dos legítimos poetas. Dmitri Beliaev começou a escrever ainda na Rússia, na escola secundária. Seus poemas satíricos faziam sucesso entre os amigos, mas nunca foram publicados. Dmitri chegou ao Brasil em 1991. Como ele próprio reconhece, estando fora do ambiente lingüístico vivo, decidiu não arriscar escrevendo poesia em língua russa, pois não sentia a pulsação da alma do poeta. A distância muda a percepção da língua. Aqui no Brasil leu muitas traduções de poesia russa, para o inglês e para o português. E aí sentiu que a qualidade fora sacrificada porque a tradução não lhe despertava as mesmas emoções e não apresentava a mesma estrutura rítmica que o original. Finalmente conseguiu ler uma boa tradução de *Eugênio Oneguim*, de Pushkin, para o inglês, que o motivou a tentar traduzir alguns poetas russos para o inglês e português: Igor Severianin, Marina Tsvetaeva, Fiodor Tiutchev, entre outros. Novamente trabalho muito bem aceito pelos amigos do ramo literário, sensíveis à verdade poética.

Entre aulas, experiências como físico e cultivo da Literatura, Dmitri viu-se no caminho do *Mistério-Bufo*, que chegou à Musa Editora, por acaso, em reunião na casa dos atuais proprietários do *Sebo Paulista*, Laszlo Szentkereszty de Zagon e Cecilia Casini, onde Nelson Canabarro, tradutor da *História de Florença* de Maquiavel e ligado à Musa, conheceu Dmitri, soube do texto e o indicou imediatamente para edição. Começou então o longo processo da revisão, desde 1996, retomado várias vezes, que torna agora possível a saída do livro, já no 2001. E Maiakóvski não encerra o ciclo de traduções feitas por Beliaev, pois sua próxima publicação são os poemas de Marina Tsvetaeva.

expressão inovada pelo poeta da Revolução que criava frase nova para jogar com o clichê popular lingüístico. Na primeira versão, muitas expressões se dirigiram ao literal e aos motes, à ditterença do arroubo verbal mas poético dos versos do Autor. Então, ao ouvir a leitura em russo, feita antes por Klara, uma especialista, depois por Dmitri, ao ouvirmos o som de cada frase, de cada verso no original russo, escoimávamos do português o que se poderia chamar "a mão pesada" do exclusivamente político, o que foge ao talento futurista de Maiakóvski. "Quero destacar a revisão em linha estritamente poética feita com Ana Cândida Costa.", diz a bondade do tradutor Dmitri. Foi o que tentamos com custo fazer. Que em português se identifi- que aquela "explosão do verbo", que é Maiakóvski, mesmo em uma peça em que Maiakóvski é acusado de sacrificar o literário em favor de *umas bobas*, passando o texto da peça genial por altos e baixos, mais altos do que baixos. Ele jamais se reduz às palavras de ordem, mas ao surpreendente, ao que não resulta cômodo a estas, embora festejando a Revolução (talvez por isso a peça foi "afastada" dos palcos, nunca mais foi publicada ou encenada na Rússia, até que Stalin morresse).

Impuros em direção à Terra Prometida

Num novo Inferno não vamos parar?

Sete pares impuros (representaçõess do proletariado) e Sete pares puros (representações burguesas e afins) presenciam o dilúvio-revolução na Terra. Diante da inundação e do desmoronamento do seu mundo conhecido, todos se empolgam com a idéia do Mercador (um puro, representante da Economia) para construir a Arca da salvação, como a nova realidade. A primeira idéia dos puros é excluir os impuros da Arca. Porém, precisa-se de força de trabalho e eles tornam-se inclusos. Ficando satisfeitos com pouco, os impuros desfrutam a vida na Arca e, neste gozar, criam seu momento e se apropriam do poder, que assume formas diferentes: monarquia e a república democrática. Em ambos os regimes os puros dominam os impuros. Na divisão dos bens produzidos, os impuros se revoltam, expulsam os puros, afogando-os, com exceção do esperto mercador, que não acompanha a peregrinação dos impuros para o Paraíso, através das nuvens. E se afoga, ele próprio, com a ambição de, sozinho, negociar a Arca. Os impuros passam pelo Inferno (ponto alto da peça, deliciosamente irônico, o Estado maior de Belzebu não é nada diante do Inferno Terreno) e Paraíso (lá estão os santos, os patriarcas da Bíblia, Leon Tolstói, Matusalém, Jean-Jacques Rousseau e outros,

que se tratava de reduzir o duplo universo de rosca (mecânico & gastronômico) para o exclusivamente gastro, de rosquinha, e a indução é quase inevitável: buraco x buraquinho.

Para uns – a rosquinha, para outros – o buraquinho dela
A república democrática é por aí que se revela.

Pôde assim evoluir:

Para um – a rosca, para outros – o buraquinho dela
A república democrática é por aí que se revela.

Veja-se a perversa distribuição de renda no Brasil e em outros países, hoje, sob a globalização a ser bem resolvida, com, quase tudo, para os poucos de sempre, pois a rosca esta sim não se tornou global, apenas o buraquinho dela. É Maiakóvski, futurista Poeta-profeta-utópico. Sua língua futurista presente.

No final prevaleceu a primeira versão, com o cacófono maldito, a sutileza implícita do praguejar necessário diante dessa cegueira político-econômica simplesmente onde a vida deu lugar ao mercado a cultivar o Inferno Terreno em que pilam e pilham socando-nos, a maioria, no vazio buraco da rosca.

E Maiakóvski é Maiakóvski, seu *Mistério-Bufo*, a despeito da escrita de urgência perpretada pelo Poeta em alguns trechos, não trai sua genialidade e a permanência da sua voz maior em tudo que toca. O ouro de Maiakóvski pode ser garimpado neste *Mistério-Bufo*, a sua *incógnita grande Divina Comédia*.

Na passagem dos impuros pelo Inferno, é hilariante o peão contando aos Diabos o que é o “Inferno Terreno”, e os demônios se assustam com o que ouvem. O Inferno não é o Inferno.

Editamos com alegria o *Mistério-Bufo*, pela primeira vez, no Brasil, a primeira versão de 1918. É o “teatro profético-utópico” do poeta russo. Que os “homens de teatro” encenem, os leitores leiam, os estudiosos estudem.

Misterija-Buff – “*Mistério* é o que a revolução tem de grande, *Bufo* é o que ela tem de cômico”, discursou o poeta ao apresentar a peça na Casa do Povo de Petrogrado. Em 1918 ele tinha 25 anos. Permanece o poeta jovem, o texto ainda jovem no frescor da maturidade. Não tem data. Leitura para hoje, Maiakóvski.

.1 Editora

ATUAM

1. Sete pares puros. Negus, abissínio, rajá indiano, paxá turco, mercador-valentão russo, chinês, persa bem nutrido, francês gordo, australiano com esposa, pope, oficial alemão, oficial italiano, americano, estudante.
2. Sete pares impuros. Limpa-chaminés, lanterneiro, chofer, costureira, mineiro, carpinteiro, peão, criado, sapateiro, ferreiro, padreiro, lavadeira e esquimós: pescador e caçador.
3. Dama-histeria.
4. Diabos. Estado-maior de Belzebu e dois ordenanças.
5. Santos. Crisóstomo, Leon Tolstói, Matusalém, Jean-Jacques Rousseau e outros.
6. Coisas. Máquina, pão, sal, serra, agulha, martelo, livro e outros.
7. Homem simplesmente.

LUGARES DAS ATUAÇÕES

- I. O universo todo.
- II. Arca.
- III. 1º quadro: Inferno.
2º quadro: Paraíso.
3º quadro: Terra Prometida.

PRÓLOGO
DOS SETE PARES IMPUROS

Por nós clamava a terra com som de canhão urrante.
Por nós inchavam-se os campos, embriagados de sangue.
Estamos aqui,
expulsos das entranhas da terra
pela cesariana da guerra.
Estamos glorificando
a ti,
dia
de insurreições.
de rebeliões,
de revoluções –
a ti
que passas, esmigalhando cabeças!
Do nosso segundo nascimento, o dia.
O mundo amadurece.
Acontece –
ancora um navio ao longe,
solta fumaça
e, pelo espelho d'água, foge,
por muito se respira a fumaça das lendas baças, –
era assim que a vida fugia de nós até hoje.
Para nós foi preparado
o Evangelho, o Alcorão,
"O paraíso perdido e reencontrado".

e outros
e outros
inúmeros contos de fada.
Todos prometem a alegria do além, - inteligentes, espertos.
Aqui,
na terra queremos
viver
nem acima,
nem abaixo
de todos estes pinheiros, casas, estradas, cavalos e ervas.
Enjoaram-nos as gulodices do céu -
deixem-nos comer o pão à vontade!
Enjoaram-nos as paixões de papel -
deixem-nos viver com mulher de verdade!
Lá,
nos vestiários dos teatros
lantejoulas, a roupa fulgura
e capas mefistofélicas,
é tudo que se pode achar!
Empenhava-se o alfaiate velho: não para nossa cintura.
Então,
que seja desajeitada
a roupa -
mas nossa.
Agora é nosso o lugar!

Hoje,
sobre a poeira dos teatros,
irrompe nosso rasgo:
"Tudo de novo!"
Pare e fique pasmo!
Pano, povo!

Dispensam-se. Esgarçam o pano, borrado com as relíquias do antigo teatro

PRIMEIRO ATO

No clarão da aurora boreal o globo terrestre firma-se com o eixo no gelo do chão. Por todo o globo, os cabos das longitudes e latitudes cruzam-se como escadas. Entre duas morsas, que escoram o mundo, o esquimó caçador, que tem o dedo enfiado na terra, berra para outro, estendido diante dele perto da foguetra.

Esquimó-caçador

Eiê!

Eiê!

Pescador

Para que você berra.
Não tem mais o que fazer
só mete o dedo na terra.

Caçador

Um buraco!

Pescador

Cadê o buraco?

Caçador

Escorre!

Pescador

O que escorre?

Mistério-Bulo

Caçador

À terra!

Pescador

(saltando, aproxima-se correndo, olhando embereçado por baixo do dedo ferrado)

O-o-o-o!

Obra de mãos impuras, quer duvidar?

Que diabo, horra!

Vou prevenir o círculo Polar.

Corre. Atrás do declive do mundo choca-se com um francês que esta torcendo as mangas. Por um segundo procura pela abotoadura e, não a encontrando, agarra a pele do casaco.

Cena primeira

Francês

Messic esquimó!

Messic esquimó!

Extrema urgência!

Dois minutos...

Pescador

Quê, já te escuto.

Francês

Pois então
Hoje
Em minha casa em Paris
Comia um filé
não me lembro, talvez outra coisa leve
e vejo
o mulherão do Eífeu nem se segura em pé.
e penso – é dos boches alemães um blete.
De repente: ruído – reajo.
Corro pra laje.
A casa virou um navio em tutões,
uma ressaca árida, violenta
entremçada ao rebuliço inquieto
corria,
inundava os quarteirões.
Paris – é loucura de mar impaciente
Notas graves de ondas fictícias.
É atrás,
e sobre,
e sob,
e em frente
couraçados de edifícios.
É antes que pudesse matutar qualquer coisinha.
Se dos alemães, ou dos...

Pescador

Depressa!

Francês

Fiquei todo
ensopadinho
que praga! –
está tudo seco,
mas alaga-se, e alaga-se, e alaga.
E de repente,
mais pomposo que a destruição de Pompéia um quadro abriu se
com as raízes
foi arrancada Paris e
derretida num abismo,
na fornalha escaldante do mundo.
Voltei a mim na crista de aldeias fundidas, – mudo, –
juntei toda a minha experiência de iate-clubes,
e eis
bem diante de você,
meu caríssimo,
está tudo,
o que sobrou da Europa, no fundo.

Mistério-Bulo

Pescador

P-Pouco.

Francês

Dois dias, sem dúvida, seu pescador
É tudo acalma-se.

Pescador

Mas pare com essas evasivas europeias, sempre na boca
O que você quer? Tenho mais o que fazer.

Francês

(gesticulando horizontalmente)

Permita-me... perto de suas muito prezadas focas!

O pescador agita o braço com enfado para a fogueira, passa para o outro lado - para prevenir o círculo polar - e dá de cata com os australianos completamente molhados que saíram correndo de trás do outro declive.

Cena segunda

Pescador

(recuando espantado)

Mas, olha, que caras nojentas!

Australiano com esposa

(juntos)

Nós somos australianos, gente.

Australiano

Eu sou australiano, seu pescador.

Nós tínhamos tudo

de fato

ornitorrinco, palmeira, porco-espinho, cacto...

Australiana

(chorando tomada pela emoção)

Tudo morreu afogado.

Foi tudo afundado.

Pescador

(indicando o francês estirado)

Andem! Se juntem a este grão-senhor.

Senão ele fica isolado.

Mistério-Bulo

De novo pronto para ir-se, o esquimô pára, pondo se à escuta das duas vozes que vinham dos dois lados do globo terrestre.

Primeira voz

Chapéu babau!

Segunda voz

Capacete babau!

Primeira voz

Está ficando mais forte!
Segure-se na latitude norte!

Segunda voz

Está ficando mais rude!
Agarre-se ao sul, na longitude!

Cena terceira

Pelos cabos da latitude e da longitude, despencam do globo terrestre os oficiais, um alemão e um italiano, e atiram-se amistosamente um de encontro ao outro. Ambos juntos.

Piirmite dar um aperto!

Reconhecendo-se como inimigos, retiram bruscamente as mãos estendidas, e arrancando os sabres continuam se atirando.

Mistério-Bulo

Italiano

Ah! Se eu soubesse, brigaria!
Maldito! Tedesco.

Alemão

Maldito carcamano!
Ah! Se eu soubesse, mataria!...

Italiano

E viva Itália!

Alemão

Gohr faterlhand!

O francês atira-se no meio dos engalinhados, o australiano agarra o italiano
e a australiana o alemão.

Francês

Deixem disso!
Afundaram!
Não há mais faterlhandos.

Ambos

(embainhando os sabres)

Beim,
se não tem, nem precisa.

Mistério-Bulo

Pescador

(abanando a cabeça)

Que bando!

Bem em cima da cabeça do esquimó que de novo está pronto para ir-se, despenteado
nosso mercador valentão.

Cena quarta

Mercador

Veneráveis,

que hipocrisia!

E eu lá sou a Ásia? É indizível

“Exterminar a Ásia” – é a resolução do soviete do céu.

E nem nunca fui asiático na vida, eu.

(tendo-se acalmado um pouco)

Primeiro chuveou,

Depois desembestou.

Cada vez – mais,

mais – para cima,

na ruas jorrou,

telhados arrancou...

Todos

Calma!
Calma!

Francês

Estão ouvindo
Estão ouvindo o tropel?

Aproxima-se grande numero de vozes.

Do dilúvio, com o dilúvio, para o dilúvio,
sobre o dilúvio! o dilúvio do céu.

Cena quinta

Na frente o negus, atrás dele o chinês, o persa, o turco, o raja, o pope, o estudante, a dama-histeria. Fecham a procissão todos os sete pares ímpares que desembocam de todos os lados

Negus

Embora mais negro que as neves.
E assim mesmo .
Eu sou da Abissínia o negus.
Respeitos meus!
Acabo de deixar a minha África quente.
Serpenteava nela o Nilo, serpente.
Foi que o Nilo enfurecido. O reino no rio imerso
e lá se foi minha África submersa.
Embora, sem nada, a esmo
mas, assim mesmo...

Pescador (com enfado)

... mas assim mesmo
respeitos meus.
Sabemos! Sabemos dessa frescura!

Negus

Vê se não perde a compostura!

Mistério-Bulo

Quem está falando aqui é negus,
e o negus quer comer.
Isto aqui o que é?
Será um delicioso cachorrinho?

Pescador

Eu te dou cachorrinho!
É uma morsa, não um cachorrinho.
Vá sentar-te, e não vá sujar ninguém.

(dirigindo-se aos demais)

E vocês, estão querendo o quê?

Chinês

Nadal
Nadal
Afundou minha China.

Persa

Pérsia
Minha Pérsia afundou.

Rajá

Até a Índia.
A Índia divina ...

Paxá

E da Turquia só a lembrança sobrou!

Vozes dos que chegaram antes

Calma!
Calma!
Que barulho é este? Ouçam!

Dama-histeria

(torcendo as mãos, destaca-se da turba)

Ouçam,
Eu não posso!
Não posso agüentar essas fuças ferozes!
Deixem-me ir
pro amor,
pro jogo.
Quem são estes corrimãos?
Estas sombras dos corrimãos
feito margens dos rios de sangue que jorram.

КОММУНАЛЬНЫЙ ТЕАТР МУЗЫКАЛЬНОЙ ДРАМЫ

7.8 НОЯБРЯ

МЫ ПОЭТЫ, ХУДОЖНИКИ, РЕЖИССЕРЫ И АКТЕРЫ
ПРАЗДНУЕМ ДЕНЬ ГОДОВЩИНЫ

ОКТАБРЬСКОЙ РЕВОЛЮЦИИ

Революционным спектаклем

нами будет дана:

I КАРТ.
БЕЛЫЕ И
ЧЕРНЫЕ БЕ-
ГУТ ОТ КРАС-
НОГО ПОТОПА.

II КАРТ. КОВЧЕГ.
ЧИСТЫЕ ПОДСО-
ВЫВАЮТ НЕЧИ-
СТЫМЦАЯ КРАС-
ПУБЛИКУ, САМИ
УВИДИТЕ ЧТО
ИЗ ЭТОГО ПОЛУ-
ЧАЕТСЯ.

III КАРТ. АД
В КОТОРОМ
РАБОЧНЕ СА-
МУГО ВЕЛЪЗЕ-
ВУЛА К ЧЕРТЯМ
ПОСЛАЛИ

IV КАРТ.
РАИ. КРУП-
НЫЙ РАЗГО-
ВОР БАТРАКА
С МАФУСАЛОМ.

V КАРТИНА. КОМ-
МУНА СОЛНЕЧ-
НЫЙ ПРАЗД-
НИК ВЕЩЕЙ
И РАБОЧИХ.

РАСКРАШЕНО
МАЛЕВИЧЕМ.
ПОСТАВЛЕНО
МЕНЕДЖЕРОМ
И МАЯКОВСКИ
РАЗЫГРАНО ВОЛ-
НЫМИ АКТЕРАМИ.

„Мистерия Буфф!“

ГЕРОИЧЕСКОЕ, ЭПИЧЕСКОЕ И САТИРИЧЕСКОЕ
ИЗОБРАЖЕНИЕ НАШЕЙ ЭПОХИ СДЕЛАННОЕ

В. МАЯКОВСКИМ.

Билеты на 7-е и 8-е ноября в распоряжении ЦЕНТРАЛЬНОГО БЮРО

9-го ноября „МИСТЕРИЯ-БУФФ“ открытый спектакль
НАЧАЛО В 8 ЧАС ВЕЧЕРА

Cartaz da estreia do *Misterio Bufo*.
Desenho de Maiakovski, 1918.

Mistério-Bulo

Ouçam,
eu não posso!
Até como é que amar, eu já esqueci.
Deixem-me!
Estou de passagem.
Não preciso de nada.
Eu quero ter filhos
eu quero maridos.
eu não posso viver mal-amada.
Ouçam, eu não posso!

Francês
(*acalmado*)

Não esfregue os olhos...
e os lábios não morda...

(Aos impuros que avançam para a fogueira, arrogantemente)

E vêm vocês de que nações?

Mistério Bulo

Francês

Antigos! Árias!

As vozes assustadas dos puros.

São os proletários!

Proletários...

Proletários...

Ferreiro

(ao francês dando umas palmadinhas em sua pança)

E aí, dá pra ouvir o dilúvio?

Lavadeira

(de novo pra ele, zombeteira e com voz estridente)

Queria deitar-se na cama agora?

Largaria você nas trincheiras e nas minas!

Mineiro que está passando

(satisfeito consigo mesmo)

Pra nós

tudo bem.

Reconhecemos fracotes na hora.

Mistério-Bulo

Os impuros passam, atravessando a multidão dos puros que se encolhe com nojo, e tomam assento perto da fogueira. A multidão dos puros se fecha atrás deles em círculo. O paxá entra no centro.

Paxá

Verdadeiros fiéis!
O que houve? É bom discutir detalhes.
Vamos entrar no miolo dos males.

Mercador

O negócio é simples –
é o apocalipse.

Pope

E a meu ver – é o dilúvio.

Francês

Qual dilúvio qual nada,
senão choveria
uma chuva no duro

Rajá

Sim,
não tinha chuvinha.

Mistério-Bufo

Italiano

Esta idéia é absurda e imatura...

Paxá

Mas a despeito de tudo -
o que é que, verdadeiros fiéis, aconteceu afinal?
Vamos analisar, verdadeiros fiéis, pela raiz.

Mercador

O povo, acho eu, ficou insubmisso.

Alemão

Eu penso que é a guerra, gente.

Estudante

Não!
A meu ver, a causa é diferente.
A meu ver, é metafísico...

Mercador
(descontente)

A guerra, metafísico!
Começaram com Adão.

Mistério-Bufo

Vozes

Um de cada vez!
Um de cada vez!
Não façam sodoma!

Paxá

Ssch!
Vamos por partes.
A palavra é sua, estudante.

(Justifica-se diante da multidão)

Pois ele já está espumante.

Estudante

No começo
era tudo simplesmente:
a noite substituiu o dia,
apenas
a aurora celestiou-se louca escarlatamente demais.
Depois
leis,
conceitos,
fés,

Mistério-Bufo

montões graníticos de capitais
e do próprio sol a laranjez constante -
tudo ficou como se fosse um tanto mais fluido,
mais rarefeito um tanto,
um tanto mais rastejante.
É como depois jorroul
As ruas já alagadas jorram então
as casas fundidas em cima das casas rodavam.
O mundo todo,
fundido nos fornos da revolução,
derrama-se qual catarata inteira...

Voz do chinês

Senhores, atenção!
Para cá chuvecam chuvequinhos.

Mulher do australiano

Que chuvequinhos, que bonitinhos!
Estão molhados os tais dos porquinhos. *

Persa

Pode ser o fim do mundo já tá pra chegar
e nós
comiciamos, berramos, relinchamos. Perdemos as forças.

Maiakovski altera a expressão pintinhos molhados, existente em russo, usando **porquinhos**. Isto se repete com várias outras expressões usuais, por nos conservadas **de acordo** com o poeta.

Mistério-Bulo

Retrocedem. Só o australiano permanece perto do globo com o dedo no buraco.
No meio do alvoroço geral empoleira-se em paus de lenha o pope.

Pope

Irmãos!
Estamos perdendo o último pezinho.
A última polegada já foi inundada pela água.

Vozes dos impuros
(falando baixo)

Quem é esse?
Quem é esse armário com barba?

Pope

Para quarenta noites e quarenta dias é isto...

Mercador

Sim!
O Senhor elucidou-lhe lucidamente, não é?

Estudante

Houve um precedente antes de Cristo.
A famosa aventura de Noé.

Mistério-Bufo

Mercador

(instalando-se no lugar do pope)

Bobagens -
tudo isto o precedente, e essa história...

Vozes

Vamos aos fatos!

Mercador

Vamos, irmãozinhos, a arca já constroem!

Mulher do australiano

É isso! Uma arca!

Estudante

Que coisa mais imbecill
Construiremos um navio!

Rajá

Dois navios.

Mercador

É isso!
Com todo capital entrol
Aqueles salvaram-se, nós somos mais inteligentes pelo jeito.

Mistério-Bufo

Rumor geral

Viva a técnica!
viva! Aceito!

Mercador

Levante a mão –
quem é a favor?

Rumor geral

Que mão que nada.
Tá na cara! Olhe ao redor.

Os puros e os impuros levantam as mãos.

Francês

*(que ocupou o lugar do mercador examina com raiva
o ferreiro que tinha levantado a mão)*

É você também se mete?
Não se orgulhe em vão!
Senhores,
os impuros não vamos levar!
Pra eles aprenderem a não nos xingar.

Voz do carpinteiro

E você sabe serrar e aplinar?

Francês
(*desanimado*)

Eu mudei de idéia.
Os impuros são bem-vindos.

Mercador

Só que só abstêmios e espadaúdos serão escolhidos.

Alemão
(*subindo no lugar do francês*)

Psiul Senhores. Pode ser
que as pazes com os impuros não sejamos mais
obrigados a fazer.

Felizmente,
do que houve com a quinta parte do mundo, nós não
estamos cientes.

Vocês estão berrando, nem se preocuparam em saber,
se, no meio de nós, americanos são vistos.

Mistério-Bufo

Mercador
(alegremente)

Que cabeça!
Não é um homem, mas um chanceler alemão.

À alegria sulcou o grito da australiana.

O que é isto?

Diretamente da sala para os que estão olhando tensamente
atentos irrompe o americano.

Americano

Prezados senhores,
onde aqui estão construindo o arcão?
Eis

(estende um papel)

da América afundada.
um cheque de um bilhão.

Desânimo taciturno. De repente o lamento do australiano
que está retendo a água.

Australiano

Que que foi, nunca viu? Vai ficar encarando!
Juro por Deus, vou tirar!
Os dedos estão congelando...

Os puros entram numa roda-viva. Buscando as boas graças,
insinuam-se para os impuros.

Mistério-Bufo

Francês
(ao ferreiro)

E então, camaradas,
construiremos,
hein?

Ferreiro complacente

Por mim!
Mesmo que o mundo acabe de vez, mas...

(Acena com as mão aos impuros)

Vamos, camaradas!
Já que é para ir, a gente vai mesmo!

Os impuros levantam-se. Serras, plainas, martelos.

Pano

SEGUNDO ATO

Convés da arca. Em todas as direções o panorama de terras desmoronando-se nas ondas. Em nuvem baixas toca o mastro emaranhado com cordas de escadas. No canto há uma ponte e uma entrada para o porão. Puros e impuros enfileiraram-se pelo bordo próximo.

Peão

Pois é!
fora de bordo agora é duro ...

Costureira

Olha prá lá:
não é uma onda, é um muro!

Mercador

Pra que fui me meter com vocês, diletantes.
É sempre assim,
sem pensar.
É a isto se chama navegantes!
Não sou nenhum lobo-do-mar.

Lanterneiro

Vejam, danada!
Zumbe e geme, chegou.

Costureira

Que muro que nada!
Uma muralha nos fechou.

Francês

Sim, senhores.
Muito estúpido, senhores!
Falo a vocês com pesar e dor, senhores, somos tolos
E se ficássemos sentados.
A terra ainda se segura.
Por pior que seja, ainda sobra um pólo.

Peão

Qual os lobos para vocês,
as ondonas batem os dentes.
Ambos os esquimós, o chofer e os australianos de uma vez.

Olhem
pra isso de uma vez.
Será que sobrou o Alasca, somente?

Negus

Puxa, a onda se arremessou!
Como uma pedra lançada com funda.

Alemão

Baqueou!

Mistério-Bufo

Caçador

Não tem mais?

Pescador

Não.

Todos

Adeus! Adeus! Adeus, mundo!

Francês

(cai em prantos, esmagado pelas recordações)

Meu Deus...

Meu Deus...

Era assim,
toda a família
reunida na mesinha
de chá –
broinhas,
caviarzinho...

Padeiro

(medindo a pontinha da unha)

É estranho, juro por Deus!
Mas não sinto pena
nem um tantinho...

Mistério-Bufo

Sapateiro

Eu guardei uma vodkinha.
Não se acha um cálice, não?

Criado

Acha-se.

Mineiro

Pessoal,
vam' logo pro porão!

Caçador

Que tal a morsinha?
Não está muito magra?

Criado

Magra coisa nenhuma,
tá bem tostadinha.

Os puros sozinhos. Os impuros vão descendo para o porão, cantarolando.

Não temos nada a perder! Mesmo se o dilúvio nos levar ao
fundo.

Cansaram os pezinhos – arre sapatearam pelo mundo.
Ei, e descanso nos navios! Não se perde nada.
Ei.

Mistério-Bufo

Tem a morsinha pra traçar a vodkinha pra tragar –
É, não é nenhum pecado! É, não é nenhum pecado!

Os puros cercaram o francês que começou a choramingar.

Persa

É uma vergonha, de fato!
Parem de berrar!

Mercador

A gente vai se agüentar
e se arrastando chega-se até ao Ararat.

Negus

Morto de fome o monte não alcançará.
(Põe-se a escutar o barulho no porão)

Pope

Vejam só, estão relinchando!

Estudante

Eles não estão nem aí!
Pegaram peixes e estão devorando.

Pope

Vamos pegar uma rede ou um arpão e também vamos pescar.

Alemão

A-r-p-ã-o?

E como vamos usar?

Eu só sei com a espada num homem esgaravatar.

Mercador

Eu lancei a rede,
pensei – vou tirar um peixão,
aperreci,
e nada –
só um ervão.

Paxá

(desoladamente)

Até que ponto estão chegando:
da primeira guilda – e algas estão gramando.

Italiano

(de um jeito significativo levanta o dedo)

Eureka!

(Ao alemão)

Escute!
A troco de que nós brigamos, outrora?
O que foi que nos melindrou tanto?
Já que temos um inimigo em comum, agora.

Mistério-Bulo

(Aponta para o porão. Pega-o pelo braço e leva-o talando pelo caminho)

Proponho um negócio, vamos ali no canto...

Depois de cochichar, estão retornando.

Alemão

(fazendo discurso)

Senhores!

Nós todos somos tão puros.

Será que é para nós o suor derramar?

Vamos obrigar os impuros a para nós trabalhar .

Estudante

Eu os obrigarial

Mas isso não é para mim

sou frágil, sombral

E qualquer um deles – medem sua altura ombro a ombro.

Italiano

Deus nos livre de brigar!

Não brigar,

mas enquanto aboletados eles

vão devorar o menu daqueles,

beber e berrar,

nós vamos pegar e uma pra eles aprontar.

Mistério-Bufo

Alemão

Vamos eleger pra eles um tzar!

Todos

(com surpresa)

Para que um tzar?

Alemão

Porque o tzar promulgará um manifesto –
todos os manjares para mim, como se diz,
devem ser entregues com rapidez.

O tzar come,
e nós comemos –
seus súditos fiéis.

Todos

Que bom!

Paxá

Que danado!

Mercador

(alegremente)

Eu já dizia a vocês –
Cabecinha de Bismarkado!

Australianos

Vamos eleger de uma vez!

Mistério-Bulo

Algumas vozes

Mas quem?
Quem então?

Italiano e francês

O negus.

Pope

É issol
As bridadas nas mãos.

Mercador

Que bridadas?

Alemão

Bem, como é que se cha...
As rédeas do governo, já estou me lembrando...
Por que estão implicando?
O sentido é o mesmo.

(*La negus*)

Senhor, pode galgar. Comece.

Mistério-Bufo

(Ao francês, ao paxá e ao estudante)

Vocês metralhem o manifesto:
da divina, como se diz, obra e graça...
e nós - para cá,
para que não escapem do seu espaço.

O paxá e os outros estão metralhando o manifesto. O alemão e o italiano desenrolam um cabo em frente à saída do porão. Cambaleando, saem os impuros. Quando o sai o último arrastando-se para o convés, o italiano e o alemão trocam de lugar, e os impuros estão amarrados.

Mistério-Bulo

Cena primeira

Alemão

(ao sapateiro)

Ei,
vocêl
Vá prestar juramentol

Sapateiro

(mal compreendo os acontecimentos)

Não é melhor eu deitar por um momento?

Italiano

Eu vou te deitar por um momento -
Não vai se levantar por cem anos, carola!
Senhor tenente,
aponte aí a pistola!

Francês

Pois bem!
Desembriagaram-sel
Eis, assim fica mais simples.

Alguns impuros

(com tristeza)

Caímos, irmãozinhos,
como galinhas na canjinha.

Mistério Bufo

O senado improvisado formado pelo paxá e pelo rajá.

Somos todos ouvidos, majestade!

Paxá
(ordena)

(Ao australiano)

O senhor – para os camarotes!

(Ao australiano)

A senhora – para os depósitos!

(Geral)

Para que o impuro pelo caminho não roa nenhum pacote.

(Ao mercador, desamarrando para ele o pacote)

O senhor aí com ele, desçam para o porão.

Eu, com o rajá, no convés, examinarei o ambiente

(Geral)

Tragam para cá e voltem novamente.

Rumo alegre dos puros

Amontoaremos de comestíveis um montão!

Pope
(esfregando as mãos)

E depois compartilharemos a caça fraternalmente
pelo costume cristão.

Cena segunda

Escortados pelos oficiais, os impuros descem para o porão com desânimo, atrás deles – os puros, exceto o senado, que está revistando o convés. Primeiro retorna o australiano. Numa imensa travessa há uma morsinha. Põe em frente ao negus – e volta para o porão.

Cena terceira

Chinês e a australiana
(escutando o padreiro)

Este com um panetone agradece em mesuras.

Cena quarta

Estudante
(e o carpinteiro)

Um arenque ele tem.
Roido até a metade, porém!

Cena Quinta

Mercador
(e o chefe)

Este foi surpreendido com o estoque de chouriço nas alturas.

Mistério-Bufo

Cena sexta

Pope

(com a costureira e a lavadeira)

Açúcar.

Quase da boca delas tirei.

Cena sétima, oitava e nona

O francês retorna, assim como todos. O persa empreendedoramente traz um garrafão - e volta. O senado trouxe um feixe de rosquinhas e sumiu no porão. Por um minuto em cena, sozinho, o negus que concentradamente devora com prazer o que foi trazido. Em seguida, cansados, os puros, fatigados, saem e, tendo coberto a escotilha, dirigem-se para o trono, vangloriando-se.

Francês

Eu encontrei um rosbife -
era a peça inteira!

Chinês

Seria divertido saber, que tal ele de gosto e de cheiro?

Australiano

Uma morsinha apanhou-se -
carmim, suculenta.

Rajá

Ficaram com fome?

Francês

Como não!

(-to pope)

O senhor também?

Pope

Violenta!

Sobem até o negus. Em frente ao negus está a travessa vazia.
Numa voz severa.

O que houve aqui?
Estava a horda dos tártaros farreando?

Pope

(em frenesi)

Mas um só,
sozinho –
meteu no bucho tanto!

Paxá

Pegava e estourava essa fuça nutrida.

Negus

Calar!
Eu sou por deus ungido.

Mistério-Bufo

Alemão

Ungido!
Ungido!
Deitaria, como nós...

Italiano

Em jejum, no fim de tudo.

Pope

Judas!

Rajá

Arre! Passar por isso ninguém queria –
eu nem pensava que houvesse tal dia.

Mercador

Vamos deitar.
O travesseiro é bom conselheiro

Preparam-se para dormir. Noite. Pelo céu rapidamente passa a lua. A lua declina. Amanhecer. Na manhã azul desponta a figura do italiano, do outro lado soergue-se o alemão.

Mistério-Bufo

Italiano

O senhor está dormindo?

O alemão balança a cabeça negativamente.

Italiano

Acordado a essa hora, puxa!?

Alemão

Aqui não dá pra ficar dormindo!

Com tanta falação no bucho.

E vai falar, e vai falar ainda!

Mercador

(*se metendo*)

O tempo todo almôndegas sonhamos.

Pope

(*de longe*)

Bem, e o que mais podia ser sonhado!

(*o negus*)

Veja só, que maldito! Como é lustroso, o danado!

Mistério-Bulo

Alemão

É sério! É sério!
Está amadurecendo um golpe.
Basta de querelas,
Chega de peleja! O seguinte

Numa só voz

Hurra!
Hurra à Assembléia constituinte!

(Destampam a escotilha)

Hurra! H-u-r-r-al

(Um ao outro)

Mexam-se, venham quentes!
Metam-se no meio!

Cena décima

Da escotilha saem os impuros despertados.

Sapateiro

Embebedaram-se? Que é isso? Que idêia!

Ferreiro

Um acidente?

Mistério-Bufo

Mercador

Cidadãos, façam favor, para a assembléia!

(Ao padreiro)

Cidadão, o senhor é a favor da republica?

Impuros

(em coro)

Assembléia? República? Que republica?

Francês

Parem!

A intelligentsia vai trocar em miúdos para o público.

(Ao estudante)

Ei, senhor, intelligentsial

A "intelligentsia" e o francês sobem na ponte.

Francês

Declaro aberta a assembléia.

(Ao estudante)

A palavra é sua.

Mistério-Bufo

Estudante

Cidadãos!
Tem uma boca insuportável aquele tzar!

Vozes

É verdade!
É verdade, cidadão orador-democrata!

Estudante

Tudo, juro, o maldito vai devorar!

Voz

É verdade!

Estudante

E ninguém jamais vai conseguir se arrastar até o Ararat.

Vozes

É verdade!
É verdade!

Estudante

Basta!
Arranquem as correntes enferrujadas do despotismo!

Rumor geral

Abaixo,
abaixo o absolutismo!

Mistério-Bufo

Mercador
(ao negus)

O sanguezinho, sugou,
O povo sacaneou...

Francês
(ao negus)

Ei, você,
alou zanfã pra água Chegou!

Com esforços conjuntos balançam o negus e o jogam na água. A seguir, os puros dão as mãos aos impuros e dispersam-se cantarolando.

Italiano
(ao mineiro)

Camaradas!
Vocês nem vão acreditar.
Eu estou feliz, ó luminares
Não há mais estas barreiras seculares.

Francês
(ao ferreiro)

Meus parabéns!
Ruíram os pilares seculares.

Mistério-Bufo

Ferreiro
(*de modo vago*)

Hum, é!

Francês

O resto se arranja,
o resto - é bobagem.

Pope
(*à costureira*)

Nós - por vocês, vocês - por nós, certo?!

Mercador
(*contente*)

Certo, certol
Me leve no bico, esperto...

Francês
(*na ponte*)

Então, cidadãos basta,
divertiram-se à vontade.
Vamos organizar o poder democrático de verdade
Cidadãos,
para que tudo isso seja rápido e sem demora,
eis que nós - guarde, senhor, a alma do negus -
eis que nós treze seremos

Mistério-Bulo

ministros e auxiliares de departamentos,
e vocês – cidadãos da república democrática, –
vocês irão apanhar morsas, coser botas, cozer roscas.
Vocês têm prática.
Objecções não há? Estão accitos os argumentos?

Peão

De acordol
Se fosse perto da água aquática!

Em coro

Vival Viva a república democrática!

Francês

E eu

(Los impuros)

a vocês proponho trabalhar agora.

(Los puros)

E nós – às penas.
Trabalhem, tá na hora,
carreguem para cá, às pencas
e nós tudo dividiremos em partes iguais, de verdade –
a última camisa será rasgada pela metade.

Cena décima primeira e décima segunda

Os puros instalam a mesa, acomodam-se com os papéis, e quando os impuros trazem os comestíveis, anotam na entrada e depois da sua saída comem com apetite. O padeiro, que retornou pela segunda vez, tenta espiar sob os papéis.

O que você está bisbilhotando?
Afastese dos papéis! Dá licença!
Isto, irmão, não é da tua competência.

Cena décima terceira

Ferreiro e pescador

Vamos dividir a coisa prometida.

Pope
(com indignação)

Irmãos!
É cedo ainda para pensar em comida.

Rajá
(conduzindo-os para longe da mesa)

Lá pegaram um tubarão.
Olhem-no com atenção –
será que ovos não pode pôr, será que não dá do leite a cor?

Mistério-Bulo

Ferreiro
(ameaçando)

Rajá ou paxá é a mesma fria. Tanto faz, vai,
como se diz na Turquia:
"Ei, paxá, não paifai!"

Cena décima quarta

Sai e dentro de um minuto retorna junto com outros impuros,
aproximam-se da mesa

Ferreiro

Ficam me ensinando!
Por mais que se ordene um tubarão -
Do tubarão leite não tirarão.

Sapateiro
(aos que estão escrevendo)

Está na hora do almoço!
Acaba logo, eu insisto.

Italiano

Reparem nisso,
que luxo de vista:
as ondas e a gaivota.

Peão

Melhor vam' falar
Só de chá com bolotas.

Todos

Ao assunto!
Ao assunto!
Não estamos para gaivotas.

Avançando, derrubam a mesa. No convés, despencam pratos vazios.

Costureira e lavadeira
(com tristeza)

Tudo o soviete ministerial emborcou, puxa.

Carpinteiro
(pulando na cadeira derrubada)

Camaradas!
Isto é uma faca nas costas!

Vozes

E um garfo no bucho!

Mineiro

Camaradas!

Que que é isso!

Antes tudo devorava uma só boca e agora o nosso um batalhão embocou.
Aconteceu que a república, homa é o mesmo tzar, só que de cem bocas.

Francês

(esgravatando os dentes)

Vocês estão esquentando demais.

Prometemos e dividimos em partes iguais:

para um - a rosca, para outro - o buraco dela.

A república democrática é por aí que se revela.

Mercador

Então precisa alguém ficar com as sementes

- não é a melancia para todos os dentes.

Impuros

Nós vamos mostrar a vocês a luta de classes! Em frente!

Estes dois versos viraram provérbio na Rússia. Em português temos ora tradução o cacófato que denota expressão chula, mas vemos no contexto da peça coerência.
(N. do E.).

Alemão

Parem, cidadãos!
A política nossa...

Impuros

Ouçam!
Incendeiem pelos quatro lados!
Vamos mostrar a eles o que é política, então.
Vai cheirar queimado.
Não é precária.
Vamos incendiar com a revolução,
como na Bulgária. (*)

Armam-se com as armas arranjadas pelos puros na hora do almoço, encurralam os puros na popa. Aparecem um a um os calcanhares dos puros que estão sendo derrubados. Apenas o comerciante enfurnou-se na caixa de carvão.

Madame-histeria

(o tempo todo tropeçando nos curros torceu as mãos)

E outra vez destrói-se o lar,
e outra vez a derrocada e o azar...
Bastal
Bastal
Não derramem sangue!
Ouçam, eu não posso!

* Na Bulgária, as pessoas costumam dançar com os pés descalços sobre as brasas. (N. do T.)

Mistério-Bufo

Peão

Vejam só, que maldita.
Ficou choramingas, a coquete!
A revolução, madame, não é um cadete.
(Polidamente pega-a. A dama agarra-se ao braço)
Vejam só, pica feito abelhal

Ferreiro

Derrubem-na, pessoal, no buraco da escotilha!

Limpa-chaminés

Tomara que não fique sem ar, isso ninguém quer.
Seja o que for, é uma mulher.

Peão

Pra que molengar?
Voltarão - e nos crucificarão aqueles?

Impuros

Está certol
Está certol
Ou nós - ou eles.

Mistério-Bufo

Ferreiro

Camaradas!
Com as botas chutem as desvairadas.
Ei, povo, por que não te rejubilas, nada!
Rejubila!

Mas as vozes dos impuros são severas - os últimos estoques
a república comeu.

Padeiro

Rejubila!
E será que tem pão de monte guardado?

Costureira

Rejubila! Quando os pensamentos estão só no pão.

Lanterneiro

Rejubila! Se há só águas movediças por todos os lados.

Limpa-chaminés

Rejubila! Quando nenhuma migalha sobrou na popa.

Mistério-Bufo

Alguns - ao mesmo tempo.

"Rejubila" Tu queres dizer!
Dá pra gente de comer.
A gente não come. A gente tá com fome.
Com um baita cansaço.
E não dá para andar nem cem passos.

Peão

Com fome? Com cansaço?
Será que tem cansaço o aço?

Lavadeira

Nós não somos aço.

Ferreiro

Então sejamos aço.
Não vamos é parar na metade.
O consumido pelos afogados
não vai poder voltar.
Sobrou uma coisa só pra gente poder lutar,
que a força não se esgote até o lugar Araratial.

Mesmo que as tempestades nos batam,
e o calor nos asse e mate,
mesmo tendo uma fome aguda –
vamos nos olhos dela olhar.
só a espuma do mar devorar.
Mas aqui em troca somos os senhores de tudo!

Em coro

É issol
Vamos nos temperar!

Desce a mesma noite. O ferreiro sopra o fogo do forno.
Rapidamente corre a lua.

Ferreiro

Vão então!
Agora nós temos muitos defeitos.
Nunca tivemos tanto pra consertar.
Coloquem na bigorna os próprios peitos.
Eil Quem está para começar?

Peão

Eu preciso de ferraduras novas.

Mistério-Bulo

Carpinteiro

Consertem o braço – murcharam os nódulos.

Pescador

Eu preciso no peito de algo assim então.

Lanterneiro

Consertem as pernas – viraram algodão.

Aproximam-se um atrás do outro, trabalha o ferreiro. De aço e fundidos
saem do forno, sentam-se no convés. Manhã. Frio e fome.

Chofer

Sem comida – é o mesmo que máquina sem lenha.

Mineiro

Até eu não agüento, por mais força que tenha.

Caçador

De fome enfraquece-se músculo por músculo.

Costureira

(pondo-se à escuta)

Escutem,
O que é isso?
Estão ouvindo a música?

Mistério-Bufo

Sentam-se longe, olhando assustados. Alguns recuam para o porão. Mas mesmo a voz do carpinteiro não é mais sensata.

Carpinteiro

O anticristo iniciou seu discurso conciso
sobre o Ararat e o paraíso.

(Salta com o susto, o dedo aponta para fora de bordo)

Quem está lá
pelas ondas andando,
seus dados jogando?

Limpa-chaminés

Deixa, disso!
O mar está nu. No mar sem nome.
A quem se pode encontrar?

Sapateiro

Olhem ela, lá!
Está chegando!
É a fome
que vai com a gente o seu jejum quebrar!

Mistério-Bufo

Peão

Pois bem, vem!
Aqui não tem quem caia desta vez.
Camaradas, o inimigo está quase a bordo!
Reajam!
Depressa! Todos pro convés!
A fome
ela própria, fará a abordagem.

Cena décima quinta

Saem correndo, cambaleando, armados com qualquer coisa.
Amanheceu. Pausa.

Todos

Pois bem, que se faça!
Não há de ninguém o ar da graça!
É eis que
de novo vamos olhar o seio estéril das águas baças.

Caçador

É desse jeito que se suplica à sombra nos fornos do deserto,
e morrendo, fica-se vendo essa imagem,
como se o deserto fosse esfriar –
miragem!

Mistério Bulo

Chofer

*(entra numa agitação terrível, recompõe os óculos,
 põe-se a olhar atentamente. -Ao ferreiro)*

Tá lá,
no ocidente -
um pontinho, dá pra notar?

Ferreiro

Pra que olhar?
Tanto faz no rabo colocar ou no almofariz os
óculos pilar.

Chofer

*(afasta-se correndo, vasculha, trepa com uma luneta na verga - e dentro de um
minuto sua voz explodindo de alegria)*

Ararat! Ararat! Ararente!

De todos os lados

Oh, como estou contente!
Oh, como estou contente!

Arrancam a luneta do chofer. Amontoam-se

Carpinteiro

Cadê ele? Cadê?

Mistério-Bufo

Ferreiro

E lá avista-se à direita...
Não sei se tá dando...

Carpinteiro

O quê?
Soergueu-se
E se aprumou.
Está andando.

Chofer

Como assim – está andando?
O Ararat – é uma montanha e caminhar não pode.
Esfregue os olhos, seu bode!

Carpinteiro

Esfregue você mesmo.
Olhe, sua besta!

Chofer

É, está andando.
Alguém.
Sim, um homem, tá cego?

Mistério-Bufo

Um velho com bordão.
Um jovem sem bordão.
Vejam,
está andando pela água, como se fosse seco!

Costureira

Os sinos, badalem!
O repique empinem!
Deixem o trabalho!
Parem as usinas!
É ele!
Foi caminhando. As águas de Genesaré cortando.

Ferreiro

Deus tem maçãs,
laranjas,
ginjas – delícias;
pode as primaveras estender sete vezes num dia
mas só o traseiro virava para nós o altíssimo,
agora com Cristo nos faz cair numa armadilha.

Peão

Não precisamos dele!
As bocas dos famintos não estão para oração.
Não vamos deixar entrar embusteiros!
Não arreda!
Senão levanto a mão.
Ei,
quem é você, forasteiro?

Cena décima sexta

O mais comum dos homens entra no convés imóvel.

Quem sou eu?
Eu sou lenhador
de um bosque denso
de pensamentos,
entrelaçados por lianas de livreiros
das almas humanas hábil serralheiro,
lapidário de calhaus dos corações.
Eu na água não afundo
não me queimo no fogo -
da rebelião eterna sou o espírito inexorável, o existir.

Com seus músculos
eu
cheguei
para me vestir.
Preparem suas colunas-corpos.
Amontoem as bancas, as máquinas e os fornos.
Nas máquinas e nos fornos vou subir.

Fazem um montão

Esta cartada
é a última no cassino do mundo. Quem ganha?
Ouçam!
O novo sermão da montanha.
Ainda os trovões não se esgotaram, não pararam de retumbar.
Montes de tempestade ainda não terminaram de estrondear
Oh, coitados daqueles – trouxas! – os que se agarraram
no farrapo navegante dessas arcas terrenas pra se salvar!
Ararats esperam?
Ararats não há.
Nenhum.
Foram sonhados.
E se
a montanha não vai a Maomé,
então, ao diabo com ela!

Não é do paraíso de Cristo que eu berro
onde os jejuadores chás sem açúcar lamberam.
É dos verdadeiros céus terrestres que eu berro.
Julguein vocês mesmos: o céu é de Cristo,
é dos evangelistas o céu faminto é?
No meu paraíso os móveis as salas arrebetam.
De serviços elétricos o aposento é luxuoso.
Lá o doce trabalho não caleja as mãos.
O trabalho floresce como rosa
na palma da mão.
Lá o sol constrói cada truque, desses
que cada passo afunda em floramar.
Aqui a vida toda trabalha duro a experiência do hortelão –
estufa de vidro, aterro de estrume, é tudo em vão
mas
nas raízes de funcho, no meu país
seis vezes por ano cresceriam abacaxis.

Todos
(em coro)

Nós todos iremos!
O que temos a perder, agora!
Mas será que vão deixar entrar nossa hoste pecadora?

Homem

Meu paraiso é para todos,
exceto para os pobres de espirito
de tantas quaresmas inchados como a lua gigante.
É mais fácil um camelo passar de uma agulha o buraco estrito,
do que chegar a mim tal elefante.

Até mim –
quem cravou tranqüilamente o facão
e deixou o corpo do inimigo com uma canção!
Venha, impiedoso!
Você é o primeiro a ser admitido
no meu reino do céu.

Venha adúltero, desvairado às voltas, com todos os possíveis
amores da vida,
em cujas veias o diabo da revolta anda numa roda-viva, –
o incansável no amor-beleza, para você,
é o meu reino do céu.
Venham todos, quem não é mula de carga, todo aquele
que está desesperado no limite seu,
saiba:
é para ele –
o meu reino do céu.

Mistério Bulo

Em coro

Será que esse aí está rindo de nós miseráveis?
Está nos provocando com quais terronas?
Onde ficam elas? Tão agradáveis?

Homem

É caminho longo.
Temos de os nimbos atravessar.

Em coro

Cada nimbo um por um derrubaremos!

Homem

E se atrás do inferno o inferno se empoleirar?

Em coro

Mesmo pra lá nós iremos
E não recuaremos.
Conduza-nos!
O caminho, onde acharemos?

Homem

Onde?
De profetas o olho desprequem,
explodam tudo o que veneravam e veneram,
E ela, a prometida, estará bem perto -

Mistério-Bufo

bem aqui
A palavra é de vocês. Eu silencio.
Sim.

Desaparece. Perplexidade no convés.

Sapateiro

Cadê ele?

Ferreiro

Parece que ele está em mim.

Peão

Acho que ele houve por bem entrar em mim também ...

Alguns

Quem é ele?
Quem é esse espírito fora de si?
Quem é ele?
Sem nome.
Quem é ele?

Sem sobrenome!
Que pátria deixou?
E pra que é ele?
Quais profecias lançou?
Ao redor uma banheira mortal do dilúvio.
Deixe e verál
A prometida se encontrará!

Ferreiro

É sinistra a boca exibida das voragens.

(Com a mão para as vergas)

O caminho é única viagem – através dos nimbos para diante!

Lançam-se ao mastro. Em coro.

Através do céu – para diante!

Galgam, e já nas vergas expande-se uma canção marcial.

Peão

Nós mesmos agora somos o sermão perna tropejante.
Vamos experimentar as forças pelejantes!

Mistério-Bulo

Coro

Vamos,
vamos o último experimentar!

Sapateiro

Lá, todos os vencedores, depois do combate vão descansar.
Que cansem os pés, teremos o céu para nos calçar.

Coro

Vamos calçá-los!
Os pés sangrentos de céu serão calçados!

Carpinteiro

Está escancarada a solidez
para trás do muro dos céus!
Pelas pranchas solares e escadarias
de arco-íris!

Coro

Pelos pranchões solares e escadarias
com balanços de arco-íris!

Pescador

Basta de profetas celestiais e terrenos!
Somos todos Nazarenos!
Agarrem-se nas vergas,
deslizem para os mastros!

Coro

Para os mastros!
Para os mastros!
Nas vergas!
Nas vergas!

Cena décima sétima

"Nas vergas" – extingue-se nas nuvens. Quando some o último, da caixa de carvão, sondando, sai com dificuldade o mercador, levanta a cabeça, abana a cabeça e sorrindo, fala.

Tem mais é que ser um imbecil!

(Contorna com a mão a arca)

Vale bem uns quatrocentos mil,
no mínimo.
Mesmo se for pra demolir.

Mas dura pouco a alegria mercantil, -- a cabeça levantada pesou mais, o mercador cambalhota para fora do bordo.

PANO

TERCEIRO ATO

Primeiro quadro

Inferno. Em três camadas estão estendidos os nimhos amarelo-enfumaçados. Na camada superior, uma inscrição: "Purgatório", na do meio: "Inferno", e, na inferior, estão aboletados dois diabos com as pernas suspensas.

Primeiro

Duas palavras a respeito de comida:
é difícil sem popes a vida,
e da Rússia, para o mal dos meus pecados,
enxotam popezões-coitados.

Segundo

(olhando atentamente para baixo)

Que é isso que se avista lá pendulando?

Primeiro

Um mastro.

Mistério-Bufo

Segundo

Para que um mastro? Que mastro é esse?

Primeiro

Algum navio.

Sim, uma nave.

Luzes de camarotes tão fortes.

Não dão nenhum valor à vida, eles!

Veja, pelas nuvens levantam a custo os corpos,
escalam pra corniboca do diabo, aqueles.

Segundo

O velho nosso

vai alegrar-se até não poder.

(Rosna o primeiro)

Diabo, fique quieto, por favor,
será impossível você não fazer barulho!

Corra, avise o estado-maior
de Belzebu-lho.

Cena primeira

O primeiro corre. Sob a camada do meio aparece Belzebu. A palma da mão em frente à testa. Sob a camada levantam-se diabos.

Belzebu

(tendo se certificado, berra)

Ei, vocês,
diabos!
Puxem o caldeirão!
E bastante lenha –
mais grossa,
mais sequinhal
Esconda-se atrás das nuvens, de cem chifres batalhão.
Para que ninguém escape do caminho!

Cena segunda e terceira

Os diabos se aquietaram e se esconderam. Debaixo chega: "Para os mastros, para os mastros. Nas vergas, nas vergas". A multidão dos impuros vai irrompendo, e num instante despejam-se os diabos com forquilhas em riste.

Diabos

U-u-u-u-u-u-u!

A-a-a-a-a-a-a!

Mistério-Bufo

Ferreiro

(apontando para os siltinos, dirige-se à costureira, com uma risada)

O que você está achando? Tá vendo três daqueles?
Como, estão se esmerando!
Tirando leite de pedra eles!

A gritaria começa a enjoar. Os impuros mandam calarem-se.

T-s-s-s-s-s!

Desnorteados os diabos silenciam.

Impuros

Isto é o inferno?

Diabos

(com indecisão)

S-sim!

Peão

(para o purgatório)

Camaradas!
Não é pra parar!
Direto pra lál Vam' avançar.

Mistério-Bulo

Belzebu

Sim-sim!
Diabos, avancem!
Não deixem passar para o purgatório!

Peão

Escutem –
que estilo é esse? Olhem só o repertório!

Ferreiro

Deixem disso.

Belzebu
(*ofendido*)

Como assim deixar disso?!

Ferreiro

Assim.
Que vergonha.
No fim das contas você é um diabo velho.
Tem cabelo grisalho.

Mistério-Bufo

Australiano

Tirem os gorros!
Quem ainda está de gorro?

Chinês e rajá

(estão dando cutucões no pope que está sob a ponte, comandada pelo negro)

Lê logo,
lê, enquanto eles estão sem fôlego!

Pope
(conforme o papel)

Por obra e graça divinas
nós,
o tzar das galinhas tostadas pelos impuros
e grão-príncipe para os delas referidos ovos,
não tirando de ninguém o couro,
tíramos seis sétimos, o resto permanece para a povo –
anunciamos aos nossos súditos fiéis:
tragam tudo que há disponível –
peixe, pão, legume, porquinhos
e tudo que encontrar de outro comestível.
O senado governante é quem
não tardará
em orientar-se nos acervos de bens,
selecionar e nos servir tudo que é comível!

Mistério-Bulo

Pelo amor de Deus, o que é que o senhor achou para nos
amedrontar.

Será que na usina
da fundição
o senhor lá nunca foi passear?

Belzebu
(secamente)

Nunca estive eu na sua fundição.

Ferreiro

Pois é.
Senão mudaria,
de pelinho inteiro.
Vive você aqui
feito janota
tão polido e tão grosseiro.

Mistério-Bufo

Belzebu

Que polido.
Que grosseiro!
Chega de conversa! Faz favores, pras fogueiras!

Padeiro

Vai fazendo graça! É brincadeira!
Encontrou com o que nos assustar.
Dá vontade de rir, juro por Deus.
Lá em nossa
Petrogrado, –
a vocês ainda pagariam
por esse tição, um pau.
Frio.
E vocês têm a bem-aventurança –
nudez total.

Belzebu

Parem de gracejar!
Tremam pelas almas!
Sufocamos todos vocês com enxofre já e já!

Mistério-Bufo

Ferreiro

(*irritando-se*)

Mais essa, também, estão se gabando!
O que vocês têm? –
Só um cheirinho de enxofre se espalhando.
Onde estávamos soltam o gás asfixiante –
a estepe fica cinza de capotes, toda
uma divisão de vez por terra tomba.

Belzebu

Tenham medo, falo a vocês, dos braseiros incandescentes!
Serão espetados nas forquilhas,
nunca se sabe, no inferno, as trilhas.

Peão

(*fora de si*)

Que que você está se vangloriando dessas tais forquilhas
desgraçadas!

Mistério-Bufo

O seu tolo inferno burro – para nós é como nata, como mel!
Ora, ora,
num ataque às vezes
seus três quartos são arrancados
por um único sopro do fogo de metralhadora.

Os diabos aguçam os ouvidos.

Belzebu

(esforça-se para manter a disciplina)

Por que estão parados?
Boquiabertos!
Talvez seja uma mentira. Certo?!

Peão

(virando bicho)

Eu, mentindo?
Ficam aqui, na sua nudez,
cavernando cavernas!
Diabos!
Tão ouvindo?
Eu vou contar a vocês
o que é o inferno...

Mistério-Bufo

Diabos

Silêncio!

Peão

... sobre nosso horror terreno.
Qual é o seu Belzebu, rapazes!
Em nosso país tal aranha
com milhares de tenazes
comprimiu toda a terra numa braçada exangue,
com uma teia de trilhos espremeu nosso sangue.
Vocês não pegam justos nem crianças, –
a mão, por certo, não vai se levantar...
Mas lá eles vão torturar!
Quem for!
Não, diabos,
aqui com vocês é melhor.
Como um turco inculto qualquer,
vocês num ímpeto cravarão na estaca o pescador e pronto –
mas lá há máquinas e tudo que quiser,
lá há cultura do ponto...

Voz

(de multidão de diabos)

Vejam só!

Mistério-Bulo

Peão

Devoram do homem a carniça?
Matéria-prima nada aromática!
Eu os levaria à cia., se não fosse isso.
Lá ela é destilada em chocolate.

Voz

(da multidão de diabos)

Sério?
Mas é verdade?

Peão

E viram as peles dos negros curtidas, -
que podem servir como capa de livro?
Um prego no ouvido?
Por favor, não é brincadeira!
Querem sentir debaixo das unhas o pêlo suíno?
Se vocês olhassem para o soldado na trincheira:
comparado a ele - o seu mártir é um esnobe fino.

Diabos

Bastal
Nosso pêlo ficou em pé! É terrível!
Bastal Bastal
Que calafriol

Mistério-Bufo

Peão

Acham que é temível?
Acenderam fogueirinhas,
penduraram calderõezinhos.
Que diabos são vocês, então?
Vocês são uns fedelinhos!
As correias nas fábricas esticavam também vocês articulação
por articulação?

Belzebu

(com *embarço*)

Até que ponto!
No nosso convento com seu regulamento.

Peão

O que estão olhando?
Só contra os tímidos suas fuças arreganham os dentes?

Diabos

Por deus, e o que vocês estão aporrinhando?
Somos diabos, como diabos, simplesmente!

Belzebu vai até o peão distrair a atenção da conversa.

Mistério-Bufo

Belzebu

Para pão e sal degustar eu os convidaria
Visita nossa.
Mas hoje em dia temos qual iguaria –
Só pele e osso.
Vocês sabem hoje em dia que pessoas são essas?
Se fritar uma não notará tão pequena ela na travessa.
Não há desses camelôs de batina.
Vocês entendem – crise de comestível.
Trouxeram dia desses um operário
das fossas,
Vocês nem vão crer – não há nada para oferecer. Só pele e osso.

Peão

(com nojo)

Vá pros diabos!

(Aos operários que há muito tempo já estão esperando impacientes)

Vam' camaradas!

Os impruros puseram-se a caminho; grudou ao último o diabo mais jovem.

Diabo

Boa viagem!
Arranjem-se de um novo jeito qualquer.

Mistério-Bufo

sem supérflua santidade,
O que é lá, por exemplo, a trindade?
E nós viremos até vocês quando tudo se fizer.
Você fica aqui
sem ter comido
uns cinco dias
melancólico
e dos diabos
é conhecido
o apetite diabólico.

Os impuros puseram-se a caminho para cima. Estão sendo quebrados os
nimbos que cacm. Trevas. De trevas e dos restos da cena esvaziada é feito
o próximo quadro, e pelo inferno ribomba a canção dos impuros.

Ferreiro

Com os corpos as portas infernais atravessem!
O purgatório em farrapos!
Avantel
O medo esqueçam!

Coro

O purgatório em cacos! Lim queda!
Assim!
Não tenham medol

Mistério-Bufo

Mineiro

Avantel Camaradas!
O corpo vamos desacostumar do descanso!
Pelas camadas,
mais para cima!
Marchem pelos nimbos! Avancem!

Coro

Marchem pelas camadas!
Mais para cima!
Pelos nimbos!

Fim do primeiro quadro

Segundo quadro

Paraíso. Nuvem sobre nuvem. Brancamente. Bem no meio, solenemente acomodados no nuvenial, os habitantes do paraíso. Matusalém perora.

Matusalém

Santíssimos!
Andem os restos mortais vivos no superlúcido emoldurar,

Mistério-Bufo

mais superlimpo limpem os dias.
Gabriel acabou de pregar –
virá,
mais de uma dúzia de justos, creio.
Santíssimos!
Acolham a eles em seu seio.
A fome joga com eles, qual rato,
a eles emporcalha o inferno, a porcaria,
mas eles se arrastam.

Paradisíacos
(*com compostura*)

Logo se vê – pessoas digníssimas.
Sem dúvida, acolheremos.
Quem não acolheria?

Matusalém

É preciso a mesa posta colocar,
para sairmos juntos.
É preciso o encontro soleníssimo organizar.

Paradisíacos

O senhor é decano, tem hegemonia,
então seja o mestre-de-cerimônias.

Mistério-Bufo

Matusalém

Mas eu não sei nada disso...

Todos

Não seja por isso, não seja por isso!

Matusalém

(saúda, vai supervisionar a mesa. Alinha os santos)

Vem pra cá, Crisóstomo. Coragem!

Prepare um brinde de homenagem:

- Nós, por assim dizer, todos, pelo visto.

Cumprimentamos vocês, conjuntamente ao Cristo. -

Você próprio sabe, então tire seus livros das mangas.

Vem cá, Tolstói, -

Você tem a aparência decorativa*, franca.

Ficou, então fique, foi.

Pra cá, Jean-Jacques, deu.

Desse modo desdobre-se numa enfiada.

E eu vou dar na mesa uma olhada.

Está ordenando as nuvens, filho meu?

(*) preservando o insólito do uso do adjetivo do original. Uma referência ao Tolstói, que no fim da vida andava descalço feito camponês.

Mistério-Bufo

Anjo

Sim, ordenho. Com certeza.

Matusalém

Depois de ordenhar – põe na mesa.

Fatiem até

uma nuvenzinha,

a cada um – uma fatiazinha.

Para os santíssimos patriarcas o principal não é comer,
mas os discursos salvaguardas que na mesa vão correr.

Santos

E aí,

não dá pra ver nada por enquanto?

Parece que a brim da nuvem está inflada de um jeito suspeito um tanto.

Estão chegando! Estão chegando! Estão chegando!

Estão chegando dos fundos!

Serão eles realmente?

Para o paraíso, mas parecem uns limpa-chaminés imundos.

Lavaremos,

Pois é, acontece que os santos são diferentes.

Mistério-Bufo

Cena primeira

Ouve-se debarxo.

Gritem pelos fuzis! Gritem!
Soltem o baixo pelos canhões!
Para nós, nós mesmos somos Cristo e o Salvador!
Nós mesmos somos o Cristo!
Nós somos o Salvador!

Irrompem, atravessando a nuvem de chão, os impuros.

Em coro

Oh, os barbudos esses!
Umás trezentas peças!

Matusalém

Faz favor, faz favor –
aqui é cais sereno!

Voz angelical

Deixaram entrar um povo estúrdio-terreno!

Mistério-Bufo

Anjos

Como vai, como vai?
Sejam bem-vindos!

Musalém

Mas vá, Crisóstomo, faça um brinde!

Impuros

Nada de brindes!
Estamos cansados,
como cachorros esfomeados!

Musalém

Paciência, irmãos amados!
Já lhes vamos dar
de comer, até se fartar.

Musalém dirige os impuros ao lugar onde numa mesa de nuvem há
leite de nuvem e pão de nuvem.

Carpinteiro

Andei tanto.
Não dá para arranjar cadeira alguma?

Musalém

Não, senhor,
no paraíso não tem nenhuma.

Mistério-Bufo

Carpinteiro

Vocês não teriam pena do milagreiro –
em pé, todo encurvado, ci-lo.

Mineiro

Não brigue.
O principal é – revigorar-se de verdade.

Lançam-se sobre as conchas e côdeas, no começo surpreendem-se, depois,
indignando-se, atiram os acessórios alimentares.

Matusalém

Provaram à vontade?

Ferreiro

(com ar ameaçador)

Provei, provei!
E não há algo mais substancioso do que nuvenzinha?

Matusalém

E por acaso alguém vai banhar criaturas incorpóreas
em vinho?

Impuros

Esperamos por vocês, malditos,
morrendo resignadamente.
Se as pessoas soubessem que era isso que teriam pela frente!
Lá nós mesmos temos.

Mistério-Bufo

destes paraísos,
em pencas.

Matusalém

(indicando o santo para o qual berrou o ferreiro)

Não berre, é inconveniente
O cargo angelical.

Pescador

Talvez fosse melhor que o senhor falasse com esse cargo:
não prepararia pra nós o seu cargo uma sopa de aspargos?

Vozes dos impuros

Não era assim que imaginávamos isto.

Caçador

Antrol
Verdadeiro antro sinistro.

Chofer

E não parece o paraíso.

Sapateiro

Assim, meus caros,
alcançamos o paraíso!

Criado

Pois, informo eu a vocês, buraco do prejuízo.

Mistério-Bufo

Peão

E vocês aí, ficar desse jeito é gostar?

Um dos anjos

Pra quê?

Acontece também ir a terra

ao irmão justo ou à irmã visitar,

E depois de verter nosso unguento lá, retornar.

Criado

É assim que as pluminhas pelos nimbos vocês desgastam?!

Bobos!

Arranjem um elevador, e basta.

Segundo anjo

Mas nós marcas nas nuvens bordamos –

C. e R. – bem isto. –

as iniciais de Cristo. –

Assim!

Criado

Provincianos.

Só faltava vocês trincarem amendoim!

Mistério-Bufo

Peão

Se me visitassem na terra eles,
eu acabaria com a moleza dos mandriões!
Eis, cantam as revoluções:
"Abaixo os tiranos, fora os grilhões".
E até vocês eles chegarão,
não pensem que muito alto estão.

Costureira

Bem como em Petersburgo:
a população é amontoada,
a comida é devorada.

Impuros

Que chato aqui com vocês.
Ah, que chatice danada!

Matusalém

Fazer o quê, é esse o regime por aqui.

Mistério-Bufo

Bem, é claro,
que muita coisa, senhores, não é confortável.

Peão

Como se mandar daqui?

Musalém

Pergunte ao Gabriel amável.

Peão

E qual é Gabriel?
Todos são como um só!

Musalém

(alisando a barba com altivez)

Não fale assim, senhor,
há distinções -
eis, por exemplo, o comprimento da barba.

Impuros

Falar o quê?
Arrasem!

Mistério-Bufo

Não é para nós esta instituição de bárbaros!

Peão

Vamos à Prometida!
Atrás do paraíso procuraremos.
Marchem!
O paraíso com passões firmes revolveremos.

Coro

Acharemos!
Mesmo que tenhamos que revolver todo o universo!

Quebramos o paraíso, elevando-se para o alto.

Ferreiro

O crepúsculo se inflama.
Adiantel Nem converso.
Atrás do paraíso, a chama!
Lá todos quebraremos o jejum forçado...

Mas depois de chegar até o topo através dos restos do paraíso,
a costureira interrompe o ferreiro.

Que adianta dar de comer o crepúsculo aos esfomeados!

Mistério-Bulo

Lavadeira

(com cansaço)

Quebramos, quebramos e quebramos nós
os nimbos.
Será que não é hora de eles caírem fora?
Será que logo, será que logo com os maíos
o corpo cansado lavaremos, na hora?

Mais vozes

Para onde?
Num novo inferno não vamos parar?
Sacanearam-nos!
Vão sacanear!
E o que tem adiante?
Quanto mais adiante, mais pavorosa é a escuridão.

(Tendo refletido)

O limpa-chaminés pra diante! Vai, galgador-espião!

Fim do segundo quadro

Terceiro quadro

O país prometido. Um super-imenso, por toda a cena. O portão está borrado com algumas esquinas, portão. Levemente delinham-se ruas e praças dos lugares terrestres. E no alto, sobre a cerca, balançam flores colossais e com heptacromática fluorescência transluz um arco-íris. No portão o galgador-espião, que chama com excitação os que estão galgando.

Limpa-chaminés

Para cá, camaradas!
Para cá!
Soltem as tropas de desembarque!

Cena primeira

Sobem os impuros e com espanto tremendo abarcam com o olhar o portão.

Limpa-chaminés

Milagr - r - r - esll De araque!

Carpinteiro

Mas isso na Rússia é Ivâново-[Cubatão]! *

(*) No original Ivâново-Voznessensk, cidade industrial analoga à Cubatão, suja e poluída, perto de Moscou.

Mistério-Bufo

Mas que milagres, dos bons.

Criado

Como acreditar nos picaretas, pergunto eu!

Pescador

Nem é Ivânovo-[Cubatão] cidade velha.
Pela minha honra.
É Marselha.

Sapateiro

Pra mim, é Shúia-[Guarulhos]* reencontrada.

Mineiro

Não é Shúia-[Guarulhos] nada
Esta é Manchester, por acaso.

Peão

Manchester, Shúia-[Guarulhos] -
não é esse o caso:
o principal é que -
de novo viemos parar na terra,
de novo aquela mesma onda.

(*) Chuia, cidade periférica, parecida com Guarulhos, na região de Moscou (N. do T.)

Todos

É redonda a terra, a maldita,
oh, é redondal

Lavadeira

A terra, mas não aquela,
pra mim são bobagens!
Para ser terra não estaria fraco o cheiro das lavagens?

Criado

O que é isso nos penhascos,
uns doces como se fossem damascos?

Sapateiro

Damascos?
Em Guarulhos? Tá tonto?
E pelo tempo parece que está chegando o outono.

Levantam as cabeças. O arco-íris fere a vista.

Todos

Vá lá, lanterneiro,
você com a escada, -
sobe e dá uma olhada.

Mistério-Bufo

Lanterneiro

(sobe e para petrificado. E só beita)

Nós somos burros!
E que burros, oh trapalhada!

Impuros

(ao mesmo tempo)

Mas contel
Fica como ganso no relâmpago olhando frouxo!
Contel Mochol

Lanterneiro

N-ã-o p-o-s-s-o d-e v-e-z,
É t-a-n-t-a
t-a-r-t-a-m-u-d-e-z...
Dêem-me, dêem um linguão de cem quilômetros à frente,
que fosse mais brilhante e mais claro que um raio de sol
ardente,
que não ficasse como um pano pendente,
que como uma lira embocalhasse,
que os ourives essa língua balançassem...
que as palavras fossem mais leves que plumas.

Mistério-Bufo

que os rouxinóis as espalhassem...
Que diabol
E mesmo assim não dá pra contar coisa alguma!
Garraões acesos estão andando, borbulhando...

Vozes

Borbulhando?

Lanterneiro

É, borbulhandol
A árvore floresce,
e não com flor, mas com pãezinhos franceses.

Vozes

Com pãezinhos?

Lanterneiro

É, com pãezinhos!

Peão

E a dona empetecada
e o dono com cara de buldogue
andam pela cidade, estropiando as calçadas?

Mistério Bulo

Lanterneiro

Não, não tem essa droga,
daqui não dá pra ver ninguém.
Nada desse tipo reparei.
Uma mulher de açúcar refinado
Duas mais! Vi eu...

Todos

Mas fale pelo menos um pouquinho mais detalhado!

Lanterneiro

Mas há de tudo andando.
as iguarias,
as coisas.
Cada uma tem mãozinha,
cada uma tem pezinho.
Fábricas estão cheias de bandeiras desfraldadas,
uma por quilômetro andado.
Aonde se mete o olhar de cem pernas,
entre flores ternas
sem trabalho estão parados
bancos,
máquinas, usinas fechadas.

Mistério-Bufo

Impuros

(com inquietação)

Estão parados?
Sem trabalho?
E nós aqui estamos engendrando o esporte verbal.
Pode ser que chova no final,
as máquinas vão estragando.
Arrebentem!
Gritem!
Ei,
Quem está lá aonde está indo?

Lanterneiro

(rolando de cima da escada)

Estão vindo!

Todos

Quem?

Lanterneiro

As coisas estão vindo!

Cena segunda

O portão abre-se, e revela-se a cidade. Mas que cidade! Empilham-se no céu escancarados colossos de fábricas e apartamentos transparentes. Cingidos pelos arco-fris, há trens, bondes e automóveis, e no meio um jardim de estrelas e luas, coroado por uma radiante coroa de sol. Das vitrines saem as melhores coisas que chefiadas pelo pão e pelo sal, estão se dirigindo ao portão.

Pelas fileiras emudecidas dos impuros gradados.

A-a-a-h-h-h!

Coisas

Ha-ha-ha-ha-ha!

Peão

Quem são vocês?
De quem são vocês?

Coisas

Como de quem?

Peão

E como é do dono de vocês o nome?

Mistério-Bufo

Coisas

Não há donos.
De ninguém nós somos.

Pão

E para quem é o pão?
O sal?
E o pão de açúcar?
Estão esperando alguém?

Coisas

Vocês!
Tudo para vocês!

Todos

Nós?
Para nós?

Ferreiro

Caímos, talvez, no sono.
Inventamos dos sonhos.

Costureira

Uma vez
bem desse jeito
na galeria fui sentar.
Em cena havia um baile.
A Traviata
O jantar.
Sai por aí entre os arcos –
e tão, entende, tão amarga me pareceu
a vida.
a sujeira,
os charcos.

Coisas

Isso não vai fugir de vocês agora para nenhum lugar.
Isso é a terra.

Caçador

Chega de embromação!
Que terra essa, então!
A terra – é sujeira,
a terra – são noites inteiras.

Lá na terra pelejará, ganhará e a boca abrirá
E um tal gordo chegará e tudo lhe tomará.

Lavadeira

(ao pão)

Chama,
mas ele mesmo, tente,
decerto,
vai me morder.
Em cada arroba, quinhentos rublos devem ser
como quinhentos dentes.

Carpinteiro

(à máquina)

Mais essa!
Até aqui vai chegar!
A passo de rato.
Será que não bastou as máquinas nos deformar!
Vocês só fazem crescer os dentes contra os operários!

Todas as coisas

Perdoe, operário!
Operário, perdoe!
Do rublo escravas,
escravas de escravocrata
fomos.
Obrigou-nos a ficarmos acorrentadas, cães-de-guarda
Coisa cara a cara braba, eu vigiava os balcões
nas janelas arreganhava os dentes dos clarões.
Os tentáculos dos mercadores das lojas se lançavam.
Com raiva o coração dos mercados palpitava!
A revolução.
santa lavadeira,
com sabão
toda a sujeira da face da terra tirou.
Para vocês,
enquanto vagueavam nas alturas, sumidos
o mundo abluído
floresceu e secou!
Peguem o que é seu.

Peguem!
Cheguem sem dor!
Operário, vem!
Vem, vencedor!

Vozes

O pe não é uma navalha de barbear,
talvez não perca o fio.
Vamos, irmãos, tentar,
vamos pisar!

Os impuros pisam.

Peão

(toca a terra)

Terrinha!
É ela!
Terrinha querida!

Todos

Como nós cantaríamos agora!
Gritaríamos!
Rezariamos!

Padeiro
(ao carpinteiro)

É açúcar, é –
eu dei uma lambida.

Carpinteiro

E então?

Padeiro

Um gosto doce, simplesmente doce.

Algumas vozes

Demais a alegria, vem coice!

Peão
(inebriando-se)

Camaradas coisas,
é bom saber –
o nosso destino vamos cumprir.
Todas vocês nós vamos fazer
e vocês vão nos nutrir.
E se o senhor importunar – não vamos deixá-lo sair vivo!
Vai começar uma nova vida!

Todos

Vai começar uma nova vida!
Vai começar uma nova vida!

Os impuros lançam ansiosamente olhares para as coisas.

Peão

Eu pegaria a serra. Fiquei muito tempo parado. Sou jovem.

Serra

Pegue!

Costureira

É eu – a agulha, merecia-me.

Ferreiro

À mão não tem paciência – o martelo pra mim, joguem!

Martelo

Pegue! Acaricie-me!

Os impuros, as coisas e as máquinas formam
um círculo cercando o jardim ensolarado.

Livro

(*ofendimento*)

E eu?

Todos

Vem!

Já escaparam muitas letrinhas!

Fique aqui, livrinho!

O livro entra no círculo aberto respeitosa-

Todos

E por que como bois-de-canga subalternos mugamos?

Esperávamos,

esperávamos,

esperávamos anos

e jamais percebíamos

a tal bem-aventurança perto de nós.

E por que é que as pessoas se enfiam nos muscus?

Que é isso - o céu ou um pedaço de algodão?

Um tesouro vivo um tesouro abarcará.

Se isso é obra de nossas mãos,
então que porta diante de nós não se abrirá?
Nós – somos arquitetos das terras,
da vida dramaturgos,
dos planetas somos decoradores,
nós – somos taumaturgos.
Ataremos raios como tufos de vassouras,
para os nimbos dos céus com eletricidade varrer.
Nós os rios dos mundos no mel derramaremos,
as ruas terrestres com estrelas pavimentaremos.
Escave! Bem fundo!
Martele!
Serre!
Fure!
Todos, hurra!
A tudo, hurra!
Adoradores do sol no templo do mundo.
Mostraremos como cantar nós sabemos.

Formem os coros – Soltem o som –
Salmos ao sol!

Hino
(solenemente)

O sono-sonho secular foi dispersado –
um mar inteiro de manhãs.
Sitio do mundo, floresça!
Você é nosso!
E sobre nós o sol, o sol e o sol.
Alegrem-se todos os que são fortes,
oficina dos criadores do mundo, dos operários.
Mais ébria do que os tonéis cheios de vinho
está a vida.
Aqueça! Cintile! Brilhe!
Sol – nosso sol!
Basta!
Na roda do mundo torturado.

Mistério-Bufo

A corrente de ferro foi trocada pela corrente de mãos amorosas
Um novo jogo joguem!
Em círculo amistoso!
Com o sol brinquem. Rolem o sol. Joguem o jogo do soll

Ferreiro

Vamos!
Vamos pelas cidades e vilarejos andaremos,
como bandeiras nossas almas penduraremos.
Saíam da sujeira
todos, a quem
enjoaram as tarimbas dos albergues noturnos.
O granito das cidades,
o verde das aldeias -
tudo é nosso.
O mundo - é membro da comuna.

Todos

Com labor amoroso

vamos nos baixar à terra
todos
que a veneram!
Panifiquem-se, campos!
Fumeguem, fábricas!
Seja gloriosa!
Resplandeça uma
solar nossa
Comunal!

PAÑO

(1918)